

Futurismo e Temporalidades na Modernidade¹

Samyah Dora Grassi KASSISSE²

Tânia Márcia Cezar HOFF³

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O artigo acadêmico tem a modernidade como tema e aborda as temporalidades aceleradas sob a ótica da vanguarda futurista. Em um contexto de destruição criativa (HARVEY, 1992), as metrópoles abraçam um ritmo maquinário, técnico e frenético que desconsidera as condições humanas. Dessa forma, o questionamento central deste estudo é entender de que maneira os aspectos técnicos e formais das obras de arte futuristas refletem a nova percepção de temporalidade na era moderna. Para responder a o problema de pesquisa, será utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica e análise do corpus formado pela trilogia de obras “Estados da Mente” de Boccioni (1911).

PALAVRAS-CHAVE: modernidade; temporalidade; futurismo; arte.

CORPO DO TEXTO

A modernidade, marco temporal que desenha o pano de fundo de nossos estudos na área de Comunicação, pode ser considerada o berço de inúmeros problemas de pesquisa que moldam as investigações acadêmicas contemporâneas. É nesse momento que os *mass media* se desenvolvem por meio das novas tecnologias que possibilitam ampliar a escala e o alcance de informações. A imprensa, o telégrafo e a comunicação de massas revolucionam a maneira que o público recebe a informação, ao passo que o controle sobre os modos de produção cria um mercado mundial.

Toda essa transformação tem como sede principal a metrópole. O local da efervescência moderna, da máquina, do ritmo acelerado, da industrialização. A cidade, assim, torna-se o cenário de novas percepções com a “intensificação dos estímulos nervosos”, como coloca Simmel (1973, p.12). É na metrópole que o Futurismo coleta insumos e inspirações para desenvolver sua crença de uma nova forma de arte.

Dentre tantos teóricos e artistas que participaram da marcante vanguarda europeia, era comum a valorização de velocidade, dinamismo, movimento e espaço. Neste estudo, vamos analisar a modernidade pelo recorte da destruição criativa,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM) da ESPM-SP, e-mail: samyah.kassisse@gmail.com.

³ Profa. Dra. Orientadora do trabalho. Professora do PPGCOM da ESPM-SP, email: thoff@espm.br.

trazendo para o diálogo os conceitos de Benjamin (1985), Berman (1986), Harvey (1992) e Simmel (1973). O motivo deste recorte é criar substrato para que seja possível construir uma análise da vanguarda futurista, portanto, foram selecionados autores que falam sobre efemeridade, tecnologia, temporalidade e sensibilidade deste momento.

Berman (1986, p.97) coloca a burguesia como o principal sujeito da modernidade, ele a define como “a classe dominante mais violentamente destruidora de toda a história”. Líderes do poder revolucionário, os burgueses foram os vetores que alteraram as estruturas fixas do poder monárquico precedente. Nesta transição, o poder passa a se concentrar no capital, e o objetivo de todos se torna “fazer dinheiro, acumular capital e armazenar excedentes” (Berman, 1986, p.92).

As técnicas desenvolvidas nesse período de Revolução Industrial criam ferramentas muito importantes para a acumulação. O domínio da natureza pelas máquinas permite um poder de produção massivo para o homem. O homem, no meio disso sente o reflexo de um novo ritmo. Um ritmo que não é mais dado pelo nascer do sol, pelas estações do ano, ou pela natureza. É o ritmo maquinário, técnico e frenético que desconsidera as condições humanas.

A metrópole abraça esse ritmo e abriga todo esse novo fluxo de pessoas com interesses tão diferenciados (Simmel, 1973, p.15). As condições psicológicas se transformam já que a função humana na sociedade mudou. Para além de sua esfera social, o sujeito metropolitano é força de trabalho que move o desenvolvimento produtivo e monetário.

E para manter a máquina da produtividade rodando, o poder revolucionário da burguesia se ampara na constante mudança, na crise e no caos (Berman, 1986, p.93). Ou seja, para que a burguesia se mantenha no poder – e continue acumulando capital –, é necessária uma revolução constante, inclusive de suas próprias estruturas. A pressão por renovação sucessiva enxerga na catástrofe e na destruição a possibilidade do lucro.

A burguesia e o capital estruturam a modernidade de forma que, a cada crise, os erros são incorporados e os fracassos eliminados, abrindo espaço para reconstrução e eficiência (Berman, 1986, p.100). É um constante fazer para desfazer e refazer. São construções descartáveis, criações efêmeras, valores contestáveis. nem o meio artístico passou ileso no processo de “mercadificação e comercialização” do projeto burguês.

Ao exigir o máximo desempenho de todos, incluía neste universo também os artistas (arquitetos, pintores, escritores, poetas) que disputavam espaço no mercado. Em

busca por destaque e realização individual para a venda de seus produtos, os artistas desenvolveram novas formas de representação com características próprias que permitiam uma competição mercadológica. As vanguardas estavam muito mais direcionadas em “lutar entre si” do que no engajamento da política real (Harvey, 1992, p.31).

Diante desse panorama apresentado, o objetivo deste artigo é analisar a modernidade sob a perspectiva das temporalidades, focalizando a vanguarda futurista como uma expressão artística que encapsula e traduz essa nova ordem imposta pelo ritmo acelerado da modernidade. Dessa forma, o questionamento central que guia o desenvolvimento deste estudo é entender de que maneira os aspectos técnicos e formais das obras de arte futuristas refletem a percepção de temporalidade na era moderna. Para responder aos objetivos e o problema de pesquisa proposto, será utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica e análise do corpus formado pela trilogia de obras “Estados da Mente” de Umberto Boccioni (1911).

O Futurismo se manifesta no contexto de destruição criativa, marcado pela efervescência artística e social na virada do século XX. Essa vanguarda representa uma resposta ao ritmo extraordinário da tecnologia e suas implicações para a sociedade. Apesar de suas raízes italianas, o movimento futurista transcendeu fronteiras geográficas, impactando a vanguarda artística de Moscou a Nova York (Farthing, 2011, p.396).

O manifesto dos pintores futuristas, expressa a exigência de abandonar a nostalgia pelo passado e abraçar a vida moderna, celebrando a industrialização recente da Itália (Farthing, 2011, p.396). Os ideais do movimento se refletem nas técnicas utilizadas por seus artistas. Influenciados pelo neoimpressionismo de Paul Signac (1863-1935) e posteriormente pelo cubismo (1911), os futuristas buscam representar o movimento mecanizado, utilizando cores vibrantes e linhas de força para criar a ilusão de velocidade na pintura (Farthing, 2011, p.397).

Então, podemos definir como principais características técnicas da pintura futurista: toques de cor, repetição, planos quebrados e múltiplos ângulos. É dessa forma que os artistas buscam “recriar na tela a mudança do tempo e do espaço” (Farthing, 2011, p.397). Para que seja possível tangibilizar os conceitos e técnicas futuristas, analisamos a trilogia de pinturas de Umberto Boccioni denominada de “Estados da Mente”. Dentre suas obras, selecionamos a série “Estados da Mente” (Boccioni, 1911a,

1911b, 1911c) por ser uma trilogia que fala sobre passado, presente e futuro, retratando a angústia da modernidade. Em vias de organizar metodologicamente a análise do corpus, segmentaremos o processo em dois momentos: primeiramente falaremos sobre a temática das obras e em sequência serão abordados os aspectos técnicos.

Em relação ao tema explorado por Boccioni, a sequência de obras retrata os movimentos de uma estação de trem com aspectos modernos muito marcantes. O trem é uma figura de movimento, velocidade e dinamismo, por si só já seria um grande objeto tema de um artista futurista. De forma mais simplista, seria possível dizer que a trilogia fala sobre uma sequência de despedidas em uma estação de trem, representando a angústia daqueles que se despedem.

No entanto, Boccioni adiciona camadas de significado ao representar as idas e vindas possibilitadas por esse meio de transporte. Cada quadro, em sua individualidade, representa um diferente momento desse deslocamento, a começar com a despedida, passando pela partida e retratando aqueles que ficam no “passado”. Dessa forma, quando expostos, eles retratam presente, passado e futuro de forma simultânea, colocando o espectador como sujeito responsável pela conexão de espaço e tempo entre os quadros.

Passando para o aspecto técnico e formal das obras, é possível perceber diferentes características em cada um dos quadros. Inicialmente o quadro “As despedidas” mostra o momento atual de uma estação de trem. Com pinceladas mais circulares e espirais, é difícil identificar muitos elementos concretos. As cores escuras em composição com tons quentes e frios, junto ao movimento do quadro, trazem a sensação de simultaneidade de ações.

Vemos que “Aqueles que vão” e “Aqueles que ficam” se colocam quase como opostos. Os que estão indo para o futuro são retratados olhando para a direita – como quem olha quando está caminhando adiante –, com pinceladas inclinadas e cores mais fortes, indicando movimento e agitação. Já aqueles que ficaram para trás, ainda apegados ao passado, são retratados olhando para baixo, com pinceladas verticais e tonalidade monocromática, indicando estagnação e insatisfação.

De forma geral, temos a predominância de planos abstratos simultâneos retratados por meio de movimentos mecânicos com ausência de elementos claros. Ao entrar em contato com a obra, o espectador não é mais apenas observador, ele também é convidado a experimentar as sensações da modernidade proporcionadas pela tecnologia

da máquina. Todas essas características juntas mostram como os artistas futuristas representavam a percepção da temporalidade acelerada da metrópole.

Dessa análise, podemos extrair a conclusão de que o contexto moderno tecnológico no qual os artistas futuristas estavam imersos refletiu diretamente nas suas percepções sobre a vida, e conseqüentemente na técnica artística. Ou seja, a tecnologia moderna, ao impactar a vida social e a percepção humana, transforma as técnicas utilizadas ao fazer a arte.

Trazendo o foco para a temporalidade, podemos inferir que ela é um dos elementos constituintes para a vanguarda futurista. Não apenas nos aspectos técnicos, como nas novas formas mecânicas das pinceladas ou na escolha de cores mais acinzentadas. Mas também, a temporalidade permeia todo o campo conceitual desta vanguarda que, como demonstramos, está inserida desde a forma de distribuição do seu manifesto até a escolha da temática de obras.

REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e a história da cultura. V.01. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOCCIONI, Umberto. **Estados da Mente I**: As despedidas. 1911a. Óleo sobre tela, 70.5 x 96.2 cm. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/78648>. Acesso em 03 dez. 2023

BOCCIONI, Umberto. **Estados da Mente II**: Aqueles que vão. 1911b. Óleo sobre tela, 70.8 x 95.9 cm. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/78653>. Acesso em 03 dez. 2023.

BOCCIONI, Umberto. **Estados da Mente III**: Aqueles que ficam. 1911c. Óleo sobre tela, 70.8 x 95.9 cm. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/78660>. Acesso em 03 dez. 2023.

BOCCIONI, Umberto. **Formas únicas de continuidade no espaço**. 1913a. Bronze, 111.2 x 88.5 x 40 cm.

BOCCIONI, Umberto. **O despertar da cidade**. 1913b. Óleo sobre tela, 199.3 x 301 cm.

BOCCIONI, Umberto. **O dinamismo de um jogador de futebol**. 1913c. Óleo sobre tela, 193.2 x 201 cm.

BORTULUCCE, V. B. Dois manifestos inéditos de Fedele Azari. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, n. 13, p. 145–156, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15392>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. Futurismo: por uma educação dinâmica em relação a temporalidades, espacialidades e movimento. **Dialogia**, [S. l.], n. 17, p. 137–147, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/3935>. Acesso em: 23 nov. 2023.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. Manifesto futurista: texto-ação. **Revista de Letras**, p. 63-76, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/letras/article/view/3145>. Acesso em: 23 nov. 2023.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2011.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Edições Loyola, 1992.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.